

Prologo

Este pequeno trabalho do meu saudoso pai não tem
pretensões algumas a ser incluído na arte poética
pois é distinto das normas tradicionais da poesia
clássica ou académica. Este conjunto de quadros é um
modo vulgar e anedótico de apresentar os alcunhos da
nossa terra destas últimas quatro décadas. É um trabalho
original que a pesquisa de alcunhos e para com eles cons-
tituiu uma verdadeira revolução alguma trabalho e paci-
ência. É com muito prazer que ofereço a geração actual e
posterior esta modesta e simples obra. Foi a vossa generosa
solidade perdão algum erro que nela possam encontrar.

Obrigado

Nisa 27/5/1982

Aníbal Bernardes P. Goulão

44 pag. 11 fol.

... não tem pretensões
... tido das normas
... anedótico de a-
... metro décadas.
... cunhas e para com
... o e paciência.
... actual e posterio
... que nela possam

Nisa, 27.5.1982

as) Aníbal Bernardes P. Goulão

1º

em tempos houve um Piólho
avante dum Brananá ----- alcunhas
criando as lagrimas do olho
na tua morada Caciu

2º

Saiu de casa o Arrambrado
e um gato q' unhas não tinha = (gato sem unhas)
o Polio que dormia à esquerda
cordeiro com o Bibigo ao lado

início de duas quadras para substituir:
a primeira referente à quarta quadra 1º página
a segunda " " 10 " " 2º " "

Como entamente fo se apurem não ficaram:
Segue mais uma quadra para aporitar mais tres
alcunhas:

Anda sempre embriagado
e falava no carrapicho
quando chega a mat. Casado
na batatas com chouriço

ão tem pretensões
uido das normas
anedótico de a-
uatro décadas.
cunhas e para com
o e paciência.
actual e postero
que nela possam

Nisa, 27.5.1982

as) Aníbal Bernardes P. Goulão

PRÓLOGO

Este pequeno trabalho do meu saudoso pai não tem pretensões algumas a ser incluído na arte poética, pois é destituído das normas clássica ou académica.

Este conjunto de quadras é um modo vulgar e anedótico de apresentar os alcunhas da nossa terra destas últimas quatro décadas.

É um trabalho original que a pesquisa de alcunhas e para com elas constituir uma versalhada, revelam algum trabalho e paciência.

É com muito prazer que ofereço às gerações actual e posteriores, esta modesta e simples obra.

Que a vossa generosidade, perdõe algum erro que nela possam encontrar.

Obrigado!

Nisa, 27.5.1982

as) Aníbal Bernardes P. Goulão

- A L C U N H A S -

Reparaes oh filhos d'Eva,
Que, por pai, tivesteis Adão;
Quantos são os alcunhas que leva,
Tão estranha coleção.

Forrae-vos de paciência,
P'r'a ler, toda de uma vêz;
São 400 e tal alcunhas,
Ficaram-m'a doer as unhas,
A fazel-a, levei quas'um mês.

São versos de pé quebrado,
Sem sciencia, por mim feitos;
Não reparem, pois, nos defeitos,
Ahi os tendes; são assim:

Em tempos houve um PIOLHO,
Parente dum BANANÁU;
Corriam-lhe as lágrimas do ôlho,
Por ter morrido o CACÁU.

Conheceram, por acaso, o PICO'ÓOSSO
O BOLO GRANDE e o ARRANHADO;
Eram primos do BICO DE CHÔÇO,
Do PAZÉLA, CARA D'ANJO e do SCAMADO.

Conheceram ou não a CHIRRÊTA,
O SPAROUVA, ALFACINHA e o RAPUM?
Quem não conheceu o VIOLÊTA,
O PALHÊTA, o MINAS e BAGD'UM?

Péza-se o arroz na BALANÇA,
Tem 2 bois o ARREIGÓTA;
Já foi actor o SUSTANÇA,
É pregoeiro o BIÓTA.

Desapareceu o CABEÇUDO e o ABIM,
O CUJO, ZÉ DO CAFÉ e BEICINHA;
Já lá vae o BATATINHA,
Por ond'andaré o MATA ã MIM?

Já morreu o RÉ-QUE-TÉ-TÉ,
Parente do GARGANEIRA;
Do GRAZINA, FÉRRÁ-BRAZ e PARTEIRA,
Do IRRA, BARBÁÇA e CAPILÉ.

Nenhum d'elles faltou, porém,
Não poude vir o PARENTE;
E depois de vir tod'esta gente,
Ainda veiu o VESTE-BEM.

Já lá vae o BATEIRADA,
Vizinho da CHITA-RATONA;
Oigo fallar tambem n'um FONA,
Compadre do ZÉ PESCADA.

Ouvi contar ao BALLELO,
Que havia ca um RESTÓLHO;
Um BAJANJA e um MIRA-OLHO,
E, (no Pe da Serra) um FARELLO.

Ainda conheci um PELOTA,
Um RANISCA e um BALHÃO;
Havia também uma BOTA,
Que era vizinha do BUGALHÃO.

Tambem havia um PIÇARRINHA,
Qu'às vezes, era marôto;
Eram seus visinhos um tal PICHOTO,
O SÔPA, o CONDEÇA e CARACINHA.

Houve, ainda, o LAGANHOSINHO,
Um CARAPAU, Um PERRICE, Um INQUELHÓ;
Ainda é vivo o ZÉ DA FILHÓ,
Faltam já: CHARNÉCO e CIGANINHO.

Dizem que não, mas há muitas CEBOLAS,
Muito BICHO, GATAS BRAVAS etc e tal..
Até temos um LOBO CERVAL,
Vários RATOS, RATAS e RÓLLAS.

Há PADRECAS, FREIRAS, FRADINHOS,
ANGINHOS com CRUZ e muita GRAÇA;
Morreu o CACHOLA e POUCCOCHINHOS,
Um MOSQUITO, um CACHEIRO e um DERRÁÇA.

Veiu, ha dias, n'um jornal,
Um caso que se deu com o RAMBOIA;
Queriam dar uma sóva ao PARDAL,
Livrou-o, d'isso, o BELLA-BOIA.

P'ra molhar a sopa veiu o PEITAÇA,
O MELANCIA, SAPICO e PAPA-SARRÃO;
O CANUDO, e a PERNA DE S. JOÃO
E ainda o FALÚA e o BARBAÇA.

Fartos de tanta lambada,
Foram pedir ao CORRINHA,
Que chamasse o ZÉ TORRINHA,
Ou então... o CARN' ASSÁDA.

A gente que passa é sempre a mesma,
Lá vai passando, agora;
O homem do pão, o VIGORA,
Que anda menos q'uma LÊSMA.

Pássa o RUSSO e a TENDEIRA,
O ZABÚMBA e o SALSINHA;
Já passou o FAQUINHA,
Está ja passada a PASSEIRA.

Há no mar, PESCADINHAS,
Nos quarteis há GALUCHOS;
Pendurados estão os BUCHOS,
Mora no Outeiro o PERNADINHAS.

Oh Côrte das Areias,
Aonde viveu Adão Dinis;
Que fizesteis a essas CANDEIAS,
Que davam luz ao infeliz?

Tudo se Tróca n'esta terra,
Onde está mui caro o PAINHO;
Sahiu DÓCE, todo o vinho,
Vai acabado o TOUCINHO.

Canta a coruja na Igreja,
Pia o MÓCHO nos Outeiros;
Assobia, às CABRAS, o PELÊJA,
Espreitam o sol os RASTEIROS.

Quando, às vezes, ao Sol-Pôsto,
Estou encostado à janella,
Vejo passar o PASSO-LARGO,
O PERDIDO e o BERINGELA.

Vejo todos, e ha quem veja,
Quasi todos aos SALTINHOS;
Vem de fóra a bôa CERÊJA,
Estamos na terra dos COPINHOS.

Vê-se o SARUGA e o PAISANA,
O CAVALÊTE e o CARTAXO;
E, quando cá está, o MAMARRÁCHO,
À conversa com a FEIJANA.

Conversou com FALAGÃO,
Com CAGAITAS e BALÔNAS;
Consultou BRUXAS, em vão,
E abalou c'o a CARRÔNHAS.

Andou por ahi, às VOLTINHAS,
Ao MAJOR cumprimentou;
Não encontrando o DORMITÓRIO,
Subiu às ALTURAS, voou.

Saiu de casa ARRANHADO,
Por um gato qu'unhas não tinha;
O PALÚA que dormia à esquina,
Acordou com o BEIBIÇO ao lado.

O GALLINHA compra PÉLES,
De COELHO, e bem as paga;
Mandou algumas ao RÉLES,
Comprou outras ao ESTRAGA.

Não ha sóla, mas ha sapatos,
NÃO ha assucar, mas ha bolinhos;
Ha CEBOLAS, porém, poucas
Que seria de nos, sem bons vizinhos?!

Comendo um BÓLO-GRANDE,
E dentro d'uma JANGADA,
Vai, entr'outros, o ZE LINDO,
Preparando limonada.

Lembram-se ainda do BAFORÃO,
Do GANILHAS e da BALHÔA,
Do RAPU e da COTÓA,
Do MOSQUITO e TUMBARÃO?

Houve tambem um MATA-LOBOS,
TOMBA-LOBOS tambem ha um;
Toda a gente tem alcunha,
Tambem eu terei algum.

Não vos peço perdão por isto,
Pois é tudo brincadeira;
Valha-me a M^ãPRIMEIRA,
Valha-me N. S. J. Christo.

Ha COELHOS, ha GALLINHAS,
Ha BEATOS e CIGANOS;
Ha BOTAS, ha BÓLINHAS
Ha PANEIROS a vender pânos.

Esteve cá o MENINO SANTO,
Veiu visitar o ROLLINHO;
Encontrou, , em grande pranto,
O SAPATÊTA, no caminho.

Fez visitas, botou discurso,
Foi às FONTES, provou o vinho;
Mas fez figura d'urso,
Ao ouvir o PELLADINHO.

Ainda um dia hei-de sabêr,
Hei-de sabê-lo, qualquer dia;
Onde móra o AMINTOLIA,
Fazem favor de m'o dizer?

Muita agua tem chovido,
Já a BARROCA-VELHA transborda;
Vae lá pescar o POLIDO,
Cóme o peixe, o TALABORDA.

PÃO-COM-OVO, faz bom peito,
Com rodélas de bom CHOURIÇO,
Não ha MULA sem defeito,
Nem cachópa sem derricko.

É adágio dos antigos,
Quem não deve, não teme nada;
Sahem falsos, certos amigos,
Dá vontada de lhes dar lambada.

Apanhei na ribeira uma rã,
Trazia um Kágado, na bôca;
Fiz presente da rã à TÓCA,
Dei o KÁGADO ao ZE LÃ.

N'uma gaiola cantando estava
Um PINTASILGO BALSEIRO;
Veiu, de repente um RATINHO,
Meteu-o logo no pandeiro.

Foi à CARQUEIJA o PERNICA,
Com um CARNEIRO DA SEMENTE;
Não foi com elles, por estar doente,
O SEBASTIÃO ou DÓMINICA.

Vendem-se por ahí, PASSINHAS,
Umás d'uvas, outras d' AMEIXA;
Vende-se, em Junho o bom ABRUNHO,
Tudo céro e ninguem se queixa,

Prende-se o relógio à CORRENTE,
Chama-se ao MACACO - BUGÍO;
Julga-se, forte, certa gente,
Sendo a vida um simples fio.

Dá CAMBALHÓTAS o FAZ-TUDO,
Dá pulinhos o CARAÇINHA;
Como o SEBASTIÃO, tudo, tudo,
E naca dá ao MACAQUINHA.

Anda sempre embriagado,
O FALUA e o CARRAPIÇO;
Quando chega o MAL-CASADO,
Há batatascom chouriço.

Comam fructas, diz um cartáz,
Pois tem muita vitamina;
Venha cá oh menina,
Ajude a viver cá o rapaz.

Arde o verde pelo sêco,
Disse, em verso, certo POETA,
Mostrou, n'isso, não ser pêco,
Ha quem seja mais patéta.

Vi n'um CESTO DE COSTURA,
Um agulheiro cheio d' agulhas;
Ha meninos que parecem bons,
Sendo, às vezes, uns grandes pulhas.

Já Lá vão as Endoenças,
Findou de Christo, a Paixão;
Vae haver muitas doenças,
Por haver (pr'alguns) tão pouco pão.

Não ha farinha triga,
Anda o centeio e o milho à mistura;
So de maldade ha fartura,
E tambem de vil intriga.

Vae a pobreza ao SARAMAGO,
Pr'à fome não morrer;
Nas lojas tudo é bem pago,
E ninguem fica a dever.

Do leite se faz requeijão,
E vinagre do azêdo ENGAÇO;
Quem não trabalha é MADRAÇO,
Quem mais rouba, não é LADRÃO.

Coze Couves, a cozinheira,
E tambem frita a CEBOLINHA;
Dá bolóta a AZINHEIRA,
Malha o pão o NANTINHA.

Quem não vê é CÉGUINHO,
Ninguem ha que 3 PERNAS tenha;
Já não faz falta a réles senha,
Qu' era preciso pr'o TOUCINHO.

Dá a PARREIRA o dôce mosto,
Que se vende caro e concentrado;
Larga-se o trabalho sem ser Sol-Posto,
Anda tudo controlado.

Ha pr' ahí tanta riqueza,
Já os ricos não teem conto;
E, como o pobre não tem defêza,
Ou morre à fome ou da em tonto.

Anda, a monte, o FELOSO,
A ver d'elle anda o SILÉ;
Foi com elle o MANHOSO,
Qu' é freguez do CALHABRÉ.

Já não se acendem candeias,
Ha outra vez, cães pelas ruas;
Pr'e tudo ha sempre feiras,
Andam as mulheres quasi nuas.

Petroleo, arroz e SABÃO,
Só se apanham, de mêz a mêz,
Não ha vergonha nem macarrão,
Ja vae faltando, tambem, o péz.

Ouvi dizer ao BISNICA,
Qu' ia faltar o carvão;
Temos, à certa, questão,
Entre o MAÇARÓCA e o LABITA.

Se vier a dar-se essa questão,
Terá que vir mais polícia;
E com a ajuda do Melícia,
Vão parar ao cagarrão.

Maria vae com a mais,
Como dizia o PAPA-SANTOS;
Os maus por ahí são tantos,
Parecem bandos de PARDAES.

É mui dôce e saborosa,
Quando bem feita, a AGUARDENTE;
E tambem a ÁGUA-MEL;
Assim o dizia a BABOSA,
Muito em segredo ao seu Manel.

Ha pr'ahi massas a rôdo,
Tanto minerio se tem extrahido;
Pr'alguns tem sido um bôdo,
Ai Portugal, qu' estás perdido!!!

Faz-se do CAPACÊTE uma festa,
Também se faz a da flôr;
Dá BRANCA flôr a GIESTA,
Festeja-se, sabe Deus, como, o Amor.

De PIC-PIC se fazem bons fatos,
De CANINHAS se fazem as rôcas;
Usam os velhos, elasticos nas botas,
E as môças, exquisitos sapatos.

Falta o tabaco e só a custo,
S' apanh' uma oncinha;
Passou da moda o FATO-JUSTO,
Gran Mestre na póda da vinha.

Não se apanh' uma onça,
Das que custam pouco dinheiro;
Acostomou-se o pôvo ao caro,
Só é bom o que é estrangeiro.

Quando morreu o célebre PONTA,
Rezou-lhe, por alma, o ARRÁCHA;
Ajudou à missa o MINGÁCHA,
E espera o padre pela conte.

Vae ser um caso serio,
Espera-se, por isso, forte lambada;
Por causa do vil minerio,
Ha muita gente encravada.

Disse, ha dias, o MANÉ DAS TORRÁDAS,
Qu' em Niza corria um boáto;
Que quasi tudo é REALISTA,
Só era republicano, o LOBATO.

Ha porahi muita fominha,
Ha gente que nada come;
Com um RABINHO DE SARDINHA,
Certa gente mata a fome.

O POUQUITO e o CAIXADO,
Andam sempre na rua;
Gostam ambos d' abafado,
Mas só o bebem quando ha LUA.

Já me vão doendo as unhas,
De tanto escrevinhar;
Faltam ainda tantos alcunhas!!!
D' alguns mais m'irei lembrar.

Não se zangue ninguem comigo,
Não fiquem comigo a mal;
Nem tudo é verdade, o que digo,
E que disse eu, de vós, afinal?

C'o a ESPINGARDA se mata o PISCO,
C'o a FAQUINHA se parte o queijo;
Não se pode pescar sem isco,
As escondidas se dá um beijo.

Anda nos jornaes um anuncio,
Mas não é no "Dº. de Noticias";
Chegaram a Niza, uns policias,
Pr'a prender o ABRENUNCIO.

DESPENDURA O PORCO, oh DEGREDADO,
Não julgues qu' isto é chalaça;
Por causa d'um certo emporegado,
Bastante sofreu a GALÁXA.

Não conheceram o ZINGANITA,
O NO, o TÓ e o TANGANHO;
Q' outro dia apanhou um banho,
E uma sóva do LANITA.

Veu d'Alpalhão o SENTENÇAS,
O MONTANCHA e o CALQUINHAS;
Ha pr'ahi tantas doenças,
O que será das creancinhas!!!

Ja não aparece SARAGÔÇA,
Esta proibida a agua-pe;
Vae a viola pr'a gente moça,
Mal está quem não tem fé.

Já morreu o J. VELHINHO,
Que tocava bem guitarra;
Tambem morreu o VALERINHO,
Nada consegue quem não s'agarra.

Ainda ahi anda o FORMIGUINHA,
Que só gostava do figo INCHÁDO;
Apojado à bengalinha,
Está quasi cégo, coitado.

Ha por ahi muito VENENO,
Até BARBAS ha, d' essa gente;
Anda o lavrador pouco contente,
Por haver, est' ano, pouco fêno.

Passei por um MONTEZINHO,
Vinha à Villa comprar rêlhas;
Trazia no braço um SAQUINHO,
Com meia duzia de queijos d' ovelhas.

Só n'uma casa "MIL HOMENS" ha,
Não comem GALUCHOS, PASTÊIS;
É bom artista o PADÁ,
Acabaram já os CINCO RÉIS.

Ha muita cachopa BONITA,
Nas RELVAS poisou o PACAU;
REBENTA-CALÇÕES o CATITA,
Jogou o bilhar, o PICÁU.

Como toda a gente costuma ter férias,
Também eu agora as quis ter;
Oçam lá mais umas LÉRIAS,
Nada ficará por vos dizer.

São, talvez, já uns 300,
Quási metade da coleção;
Mas d'aqui por uns momentos,
Continuarei esta função.

Ahí vão já: o CANANÃO e PASTELINHO,
O VEREDAS e BUGALHÃO;
O BUFA-FINA e o PATRÃO,
O CANHOTO e VERMELHINHO.

Trata-se um HESPANHOL por tu,
PAPA-AZEITE o MA/SCULINO;
Guarda-se a roupa n'um BAHÚ,
MARRA-MANSO o ZÉ MENINO.

Campeia, livremente, o debóche,
Todos teem PENA DA MORTE;
Ha por ahí muito FANTÓCHE,
E alguns com muita sórte.

Quando haverá pão a pataco,
Como apregoou o BANDÁRRA,
Quando quererá o ZÉ MACACO,
Fazer as pazes com o BARRA?

Ha em Niza muito DOUTOR,
Mas só houve um de CAPÊLLO;
Por aos estudos não ter amôr,
Não se formou o MA-CABELLO.

Mal vae a quem não tem manha,
Pr'a se livrar d' intrugisses;
Dos q' untam o cabêllo com BANHA,
E que não merecem meiguices.

Ha muito bôlo, muita queijada,
Muito ovo se gastou;
Foi muita forneira multada,
Pelo grã crime que praticou.

Traz-nos, em pé, a comida.
Pouco mais nos é já preciso;
Que bem se levaria a vida,
Com mais saúde, dinheiro e juizo!?

Se o PADRE SANTO soubéra,
O gostinho que tem o fado,
Iria buscar a Sevéra,
Pr'a ter uma hora a seu lado.

Foi uma FATISTA de fama,
Que o diga a fidalguia;
Por esses viélas d' Alfama,
Bairro Alto e Mouraria.

A Mª DE TRÁZ meteu na CAIXA,
O SEROL que s' agarra ao dente;
Achou-lh'a CÊPA-BARÁCHA,
Viu-se parvo com ell'o PÉ QUENTE.

Queixou-se em seguida o CONIXA,
N' uma manhã de MARZIA;
Armou o MÁ-TRIPA tal rixa,
Só morreu quem mal não fazia.

Apanhou o GUITAS, do CÔCO,
Ficou-se rindo o PÃO-DE-MILHO;
Ficou, cheio de sangue o BARRÔCO,
Viu-se o PINGA-FRESCA n' um sarilho.

Entrou na rixa um DENTANA,
Que gostava de PAPAS-QUENTES;
Só foi pr'ó hospital o FATANA,
Ficaram, os mais, todos doentes.

Com MAU TEMPO veiu o LATÃO,
Que fugiu ao ouvir uma bomba;
Se não lhe acóde o CALHABAMBA,
Que seria do BAÍGA e do ZANGÃO!!!

O ESDRUBA que não é de ferro,
E o PICHINHA que não é guloso,
Foram depois dar parte ao CHINFÉRO,
Que passa por ser MENTIROSO.

Bálla o meigo cordeirinho,
De sua mãe já apartado;
Vae ser feito d' afogadinho,
Ou morrerá, no forno, assado.

Com 7 SERRILHAS no queixo,
Andam bêstas pr' ahí aos coices;
Jogam os miudos ao eixo,
Ceifa-se o RESTÓLHO com foices.

Quem será um LEOPARDO,
De quem tomei também nota?
Querem ver que é um JANÓTA,
Que usa sempre um fato párdó?

E quem vem a ser um TORRINHA
Que tem OLHO DE GORÁZ?
E uma que CONTAS-FÁZ
Ou antes, que já as fez, coitada?

Ouvem-se de noite uns urros,
Que parece serem de TOURA;
Não ha éguas filhas de burros,
Criam-se os COELHOS na LOURA.

Tenho os miolos em agua feitos,
Não tenho de FERRO A CABEÇA;
Mas, ainda que não o pareça,
Ando illudido com certos sujeitos.

Chorae, pois, fadistas, chorae,
Que chorando, se alivia, às vezes;
Lembrae-vos que sois Portuguezes,
E tudo que passou já lá vae,

Já passa de 300 e tal
O numero de vossos alcunhas,
Lá vão mais dois: o GADUNHAS,
Sobrinho do VERTICAL.

N' uma vara de suinos,
Ia um PORCO QUE NÃO TINHA RÁBO;
A toda a hora se ouvem os sinos,
Todo o inverno secomeu NABO.

Ha quem tenha OLHO DE NIQUEL,
E quem acenda o FÓSFORO que ri;
Ha gente de genio TERRIVEL,
Tão má como eu nunca vi.

Já foi BUFO, hoje não é Agente,
Da Polícia Cívica chamada;
Tudo isto é uma cégada,
And' enganada muita gente.

Fallou-se pr' ahi n' umas listas,
Sem serem as das Pensões
Onde se comia por 10 tostões
Antes de haver vigaristas.

É a terra dos pregões,
Já aborrecem, é de noite, é de dia!
Que se faz hoje com 10 tostões
Tudo tão caro, e ninguem pia!!!

Como é prohibido piar,
Andam todos caladinhos;
Só deixarei eu de falar,
Quando me levarem pr'ós Anginhos.

Anda tudo n'um rodizio,
Ninguem se confessa ao PRIOR;
Diverte-se, à grande, o Dionísio,
Quer haja frio ou calor.

O REGEMIA e a BÁLSÁ, coitados,
Que, como todos, tem defeitos;
Dormem no campo, e sem leitões,
Sem lençoes e sem cuidados.

Vão os alcunhas acabados,
Já vão custando a achar;
Terei, pois, que terminar,
Os que ha, já estão contados.

A TRONCHA mais o COMARCA,
Gostavam muito de pão de ló;
Come-se pr' ahi muita cárpa,
Ninguem dos pobres tem dó.

De nada vale a nobreza,
Está a realzeza acabada;
A par de tanta riqueza,
Ha a pobreza envergonhada.

Andam, alguns, de mãos no ar,
Devendo trazel-as pelo chão;
Faltou-lhes o chá em pequeno,
Faz-lhes mal, agora, o grão.

Nada pago, pois nada devo,
Estou em dia com toda a gente;
Tem sido a honra, o meu enlêvo,
Tudo o mais é-m' indiferente.

Não sabe bem uma empada,
Se não levar mangerôna;
Não se póde dizer nada,
Sem a ameaça da papôna.

Ha um artista que é DOUTOR,
Sem a Coimbra nunca ter ido;
Quando lhe falam em Amor,
Logo diz: Ai filhas q'estou perdido!!!

Não tem esta, uma defêza,
De nada lhe vale o minério;
É modo, agora, chamar Império,
À República Portuguesa.

Porém, uma ESPERANÇA, ainda temos,
Quando, um dia, isto mudar;
Não veremos certas coisas que vemos,
E que temos d' ouvir, sem bufar.

Quem tem figueiras, tem figos,
Quem não trabalha, dizem: é mandrião;
Se ha dinheiro, ha amigos,
De Peniche, alguns, o são.

Anda o proprietário assustado,
Por causa d'um certo escr'avêlho;
Vou passar a estar calado,
Não quero n'isto meter o bedêlho.

Foi coveiro o BADANÉLA,
Que enterrou muita gente;
Foi forneiro um tal SOVÉLA,
Que não gostava de pão quente.

Não me chamem maldizente,
Pois digo aqui muita verdade;
Dil-o por ahi muita gente,
Que, de dizer mais, tem vontade.

Muita PACIÊNCIA é preciso,
Pr'a ser diferente de um CAMÕES;
Muito custa fazer versos,
Quando chove e ha trovões.

O CARRAJÓLA e o BÁGINA
Foram a uma patuscada
Pr'a provar a bôa pinga
Foi convidado o RATA PELLÁDA.

Esgotaram o GARRAFÃO.
E um d'elles ficou tão borrácho,
Que foi preciso vir o PARRÁCHO,
Que dizem ser d' Alpalhão.

Andam muitas coisas mudadas,
Como se tem observado;
Mas ... d'as taes HORAS MINGUADAS,
É que é d'agente ficar pasmado.

Se isto passa a ser uso,
O que virá a dar-se, não sei;
É urgente acabar com tal abuso,
Pr'a que um e outro, não façam lei.

Já se vai ouvindo a POUPA,
D'aqui a pouco se ouve a ROLLINHA;
Já se pode lavar bem a roupa,
Pode a gente andar limpinha.

Já da honra se faz comercio,
Como se fosse artigo de tenda;
Pr'a sustentar vaidade e luxo,
Muita femea ha que se venda.

Pedia, d'antes, o pobre ao ricaço,
Hoje o contrário d'isto succede;
Vê-se isto a cada passo,
É o rico que ao pobre pede.

Parece estar agora na móda,
Pr'a qualquer coisa pedinchar;
Se lhes sahisse a sôrte grande,
Ninguem os podia aturar.

Pede-se pr'ó CAPACETE,
E pr'a festa da Flôr;
Pr'os tuberculosos e Cancerosos,
E sempre se dá, sem clamar.

Pr'a tudo ha subscrições,
Pr'o Hospital, pr'a Cruzada;
Pr'os Padres das Missões,
E pr'a outros que não dão nada.

Nem por haver tanta massa,
Chega o direiro pr'a certa gente;
Acuda-se primeiro à desgraça,
Olhem pr'ó pobre, pr'ó indigente.

É vergonhoso e desconsóla,
Encheram-se, as ruas, de pobres;
De mão estendida, a pedir esmola,
Esperando receber uns magros cóbres.

Não sei qual seria a razão,
D'acabar, (segundo ouvi) a sopa dos pobres,
Acabar-se-hiam, ao rico, os cóbres?
Porque foi, pois, não m'o dirão?

Anda, bem ao contrário, o paladar,
Mostrando um gosto bem depravado;
Mas isto tem que acabar,
Quando alguem ficar escaldado.

Não quero, com isto, dar lições,
D'essa coisa que não existe, a moral;
É por esta e outras razões,
Que dizem que eu, de tudo, digo mal.

Estão-se vendo descobertas,
Qu' é da gente ficar pasmado;
Ha pessoas que são tão espertas
Que trazem o mundo enjoado.

Coube a vez, agora, ao quinino,
Sintético, lhe chamem, agora
Quem o descobriu, já se vê, é tipo fino,
Pois que venha, em boa hora.

Não pegou a enxertia,
Do macaco, em gente humana;
Se pegasse ninguem morria,
Augmentaria a caravana.

Fallou-se muito no Azuêro,
Precedido de grande fama;
Foi admirado um tal Canêro,
Que, sendo colhido, foi pr'a cama.

Não me julguem com pretensões,
A ter piada com'o Bocage;
Nem tão pouco a ser um Camões,
Ou comparar-me a um Le Ságe.

Desejava sim, ser um Rabelais,
NÃO invejo um tal Vertot;
Do valor de Beaumarchais,
De um Voltaire ou Diderot.

Nenhum egualou La Fontaine ou Molière,
Nem mesmo o infeliz Chenier;
Andou-lhe à roda, Chartier,
Que um beijo levou d'uma mulher.

Mas deixemos o que é estrangeiro,
Também cá temos, poétas e escriptores;
Começarei por Junqueiro,
Que à Igreja sempre fez Guerra,
Alguns d' elles, não são doutores.

Siga adeante o nosso Fialho,
Que, nas "Farpas", muito diz;
NÃO me desmintam, senão eu rálho,
Julgo-o superior a Júlio Dinis.

Mas não ha (pr'a mim), oh Pae dos Céus,
Como o d'o Campo de Flôres, o auctor;
Que em vida foi João de Deus,
Cujas obras são um primor.

Acacio de Paiva é repentista,
José Duro foi um doente;
Forjaz de Sampaio é grande artista,
Que, ao ler-se, arripia a gente.

Camillo e Herculano são os ázes,
Tambem são Garrett e Gil Vicente;
Que o digam, das Escolas, os rapazes,
Os seus Mestres e toda a gente.

Muitos outros ainda temos,
Que não vou agora mencionar;
Todos nós os conhecemos,
Quando andámos a estudar.

Em ponto pequenino,
Tivêmos por ex: o BEM-HAJA;
Muito melhor foi o ROSALINO,
Que fazia motes a qualquer "gaja".

Nos "Meus Canticos a Deus",
Usa um estilo arrevesado;
Mas, comoa todos sucêde, coitado,
Morreu pobre e despresado.

Por isso, eu bem sei o que m'espêra,
Quando m'arrefecer o gargantorio;
Metere-me n'uma galêra,
E levarem-me da Terra ao Purgatorio.

Póde ser que no outro mundo
Eu venha a ter melhor sóрте
Nunca escrevi artigo de fundo
Quem quizer cortar na caseca, que córte.
E se lá tiver mais algum tino,
Tudo é obra do meu destino.

Falta o arroz, falta a massinha,
É cára e ruim a laranja;
Mal se passa sem uma canja,
Nunca fui amigo da pinga.

Acabarem, de róda, as MODINHAS,
Eram io tempo da M^a. DA FONTE;
Não gostamos de certas gracinhas,
Nem d'a ninguém servir de ponte,

Reinava a M^a. Segunda,
Que d'um Fernando era esposa;
Houve, no pais, tal barafunda,
Que so escapou uma RAPÔSA.

Vae acabando o bom toucinho,
Não acabou ainda o café;
Mas pr'a fazer um licorzinho,
Não ha assucar pilé.

Não pretendo coisa alguma,
Todos os pedidos já estão feitos;
É a consciencia apenas uma,
Ninguem conhece os seus defeitos.

Nunca soube dar manteiga,
Nunca a dei nema darei;
Ainda sei bem o que digo,
O que os mais pensam é que não sei.

Debaixo do sol que nos alumia,
Todos nos somos eguaes;
Ha, apenas, esta diferença:
Teem, uns, menos, e outros, mais;
E, pr'a formar a força armada,
Lá estão os que não teem nada.

Faz-se por ahí CANDONGA à FARTA,
Rouba, o gatuno, com toda a gana;
Ajustam-se as contas em St^a. Marta,
Quem não paga, vai pr'a chãna.

Por dá cá aquela palha,
Sofrem, alguns, já demais;
Porém, a multa não falha,
Não vivem de ar, os fiscaes.

Preso por ter cão,
Preso por cão não ter;
Se não houvesse fiscalização,
Mais nos valia morrer.

Tem a lua 4 quartos,
de 8 em 8 dias;
Assiste a PARTEIRA a partos,
É serviço de todos os dias.

A hora é igual à lua,
Pois 4 quartos também tem;
Quem não está bem, vá pr'á rua
Foi assim que m'o disse alguem.

Ha, em Niza, em bom pedreiro,
A quem chamam o ROSINHA;
Tambem temos um ALBARDEIRO,
Que dizem que adivinha.

Havia cá uma velhóta,
Conhecida por BÁLHA CRISTINA;
Vinha pr'á rua em PELÓTA,
Mas não dançava como a LINA.

Tocava o BOMBO um Joaquim,
E pratos, um ZÉ QUINTEIRO;
Não ha papel como o SEM-FIM,
Já não se ouve tocar pandeiro.

É recoveiro o TACHOULA,
Tem bom vinagre o FRANQUINHO;
É meio boticário o MATOULA,
É meu amigo o JOAQUINZINHO.

Temos à venda um armário,
Também temos um balseiro;
Vou vende-lo ao SACLÁRIO,
É coisa pr'a pouco dinheiro.

Faz o correio o INFANTE,
Que NEGRITO também se chama;
Foi o TUINTA um bom estudante,
Mas não chegou a Niza a sua fama.

Quando formos pr'ó MANÊTA,
Levaremos um BARRIL;
Diremos Adeus à CARLÊTA,
E ao SÃO PEREIRA do funil.

Anda mesmo ALACADINHO,
Um que é MANÉ DO HARMONIO;
Pr'a cantar bem, o COUSINHO,
Que pr'as môças é um demonio.

Vi nas Flôres que é uma Ilha,
Um cravo AMARELINHO;
Dei o cravo à minha filha,
Que namora o CHARLOTINHO.

Teve o MARQUÊZ uma granja,
Qu'ao ALDEÁGA, barata vendeu;
Quis comprar-lh'a o MARMANJA,
Foi quanto o outro perdeu.

De mil e trezentos talhéres,
Houve em Lisboa um banquête;
Mas não foram lá mulheres,
Nem se ouviu um só foguete.

Foi, na verdade, colossal,
Ficou o povo embasbacado;
Parece estar mais que provado,
Não haver femeas em Portugal.

Tambem foram dadas esmolos,
A muitos pobres e mendigos;
Foram abertas muitas escolas,
São precisos mais amigos.

Molha-se a véla quando ha bom vento,
É antigo este adagio;
Mas, se chega a haver naufragio,
Vae-se tudo n'um momento.

Poderá pescar-se sem bóia?
Gostava de saber isso;
Talvez o saiba a CALATROIA,
Ou, então o CARRAPIÇO.

Conheci um CEBOLINHA,
Que, comigo, andou à escola;
Ha certa creaturinha,
Só, não podendo, e que não esfola.

Nunca vi na minha vida,
Um sangue azul tão faladinho;
Está bem spanhada a partida,
Só conheço um qu' é VERMELHINHO.

Quem terá um tal condão,
Em que não poss' acreditar?
É de todos, não ha excepção,
Vão a outros intrujar.

Se assim fosse, oh meus meninos,
Que seria dos que são grosseiros?
Seriam poucos os homens finos,
E todos os mais, os seus rafeiros.

Tirae lá, pois, o cavallo da chuva,
Oh vós que assim pensaes;
Todos gostamos do sumo d' uva,
Todos no mundo somos eguais.

Só ha, apenas, a tal diferença,
Que na folha atraz dito fica;
Mas é sempre a mesma, a recompensa,
Porque quem morre também estica.

Sou da morte apologista,
Julg'a vida uma patranha;
E so não cheguei a fadista
Porque nunca soube o qu'era manha.

Vou envergar a SAMÁRRA,
Pois o calor não é nenhum;
Ha pouca uva e muita parre,
Mas, CINES E SEIS, ha so um.

Não m'esquecem o 2 metros,
De que adeante vos vou fallar;
E se um dia tiver sezões,
No outro Mundo m'irei curar.

Recebereis noticias minhas,
Contar-vos-ei como é aquillo;
Entreter-me-ei a ler CAMILLO,
Lá não são precisos mézinhas.

Já poucos alcunhas eu acho
Julgo-os quasi acabados;
Já se acabaram os figos
Estão a chegar os bons cachos.

Está a Patria defendida,
Podemos estar descansados;
Porqu'ella não se dê por ofendida,
Nem que a partam aos bocados.

Por isso, é pr'a frente, oh Portugueses,
Nada tenhaes a recear;
Fazei por produzir e poupar,
Pr'a comer de borla sempre ha freguezes.

Não está bem, isto; é mais que certo,
O que s' está vendo n' este Paiz;
Não é preciso ser espérto,
Pr'a acreditar no que se diz.

Mas...eu não percebo nada d'isto,
Vê-se o povo sempre contente;
Daría em tonta tanta gente?
Seja tudo pelas Chagas de Cristo .

Já s'está sentindo o mal,
Parece que o adivinhava o CHARAMBA;
Vae haver fome em Portugal,
Morra o homem e fique a fama.

Houve, em tempos, o ZÉ DO CASACO,
Que se pelava por CHÁ-FINO;
Dava este grande cavaco
Ria-se d'ambos o ZÉ MENINO.

Quando, um dia isto mudar,
E oxalá seja depressa,
Quem virá a tocar a peça,
Quando a guerra, um dia, acabar?

Ou talvez pensem n' algum trôno,
Pr'a servirem de beleguim;
Porventura a algum môno,
Que a tudo diga que sim.

Desapareceram os meios tostões,
Está o cobre quasi acabado;
Recebi agora dois melões,
O melhor é o calado.

Oh vós que tendes filhas
A quem desejaes um bom marido,
Consultae um tal GANILHAS,
Que n' esse assumpto é entendido.

E se este não conviér,
Não é preciso ir á Certã;
Ha muito solteiro a querer mulher
Fallem n'isso ao Fátã.

O CALÇA e o MENDÓLA,
Ambos jogam bem o páu;
Foi mestre d'ambos o SCARUMBA,
Nada aprendeu o CARAPAU.

Vende ovos uma "IMPLICA",
E bem caros por signal;
Ha boa pinga no Benfica,
E pedra azul no Carvalhal.

Ha MALEITAS em Almeirim,
Que é villa e não ALDEIA;
Ha em Niza um BANDOLIM,
E no Tejo boa lampreia.

Ha tambem o ROUCO D'ALTER,
O CHALINCAS e o LAPATANAS;
Ha um MARUJO sem mulher,
Mas não ha peixe sem barbatanas.

Já a alguns se vae o sônno,
Levando, em claro, muita noite;
Contando com mudar de dono,
E tambem com algum açoite.

Como estamos em ditadura,
Toda a cautela será pouca;
Por causa de não haver fartura,
Muita gente vae dar em louca.

Perseguido-me a tentação,
Que, do déuco, me parece;
Mais umas trêtas ahi vão,
Que o autor d'isto vos of'rece.

Acabae com a lei de funil,
Pois é de Lei, sermos todos eguaes;
Fiz 67 anos em Abril,
Se morrer est' ano, não faço mais.

Foi ou vae, a lavoira, à Iria, rezar,
 Ao Deus do Céu, dar suas Graças;
 Pelas chuvas que lhe mandou,
 Mas... veiu, o suão, tudo mudou,
 Ahi temos novas desgraças,
 Porque a terra já secou.
 Vae acabar agora nas nóras,
 Virão os fructos fora d' horas,
 Mas... como a lavoira lá foi, ou vae,
 Será outra, agora, a oração,
 E não: oh escolas semeae.
 Que dá d' agora é bem diferente,
 Mas... como é dita por outra gente,
 Melhor e mais fructo é d' aparecer.
 Pois é lema da Nação
 O produzir e o poupar.

Mas, se alguém, a lei não acatar,
 As contas com alguém ha-de ajustar;
 Será castigado a cacête,
 E não irá a outro banquête.

Tenhamos pois, a sacra fé,
 E não haja, n' isto, illusão;
 De que pr'a bem de todos, isto é,
 Tambem o sendo.

" A BEM DA NAÇÃO "

N.B. :- Só escreve estas pacécias e alcunhas,
 Quem pr' a isto tiver unhas.

E

Pr'a que não me chamem malcreado,
 A todos digo: Muito obrigado,

_ T R O C A D I L H O S _

Chama-s'agora papo-sêco,
Ao que d' antes era pinoca;
Ao grande roubo, desvio,
A certo vërme, minhóca.

Chama-se ao chipre, chamiço,
Ao riscado, chamam cotim;
Ter namorado é ter derraço,
Bota pequena é botim.

Sôpa de sangue é cachôla,
Outros lhe chamam sarrabulho;
O professor é mestre escôla,
Grainha da uva é bagulho.

O vaso da cama é penico,
É atabefe o zambana;
A um côco chama-se quico,
À velha ovelha, badana.

Aos óculos se chama cangalhas,
Também se chama ao burro, gerico;
Miólos de pão são migalhas,
Também é abano, o abanico.

Proceder bem é ser nobre,
É intrujão o vigarista;
Finge de rico quem é pobre,
Usar melenas é ser fadista.

A um cântaro se chama pôte,
Chama-se à bilha, cantarinha;
Ao pingalim se chama chicôte,
Quem dá chucha, dá maminha.

Por bom vinho se paga a morraça,
É a escôva igual à pëta;
É pão fino a carcaça,
E espingarda a escopëta.

Postiço cabêllo é chinó,
É a lêsma um caracôl;
Onde há poeira é certo o pó;
É guarda-chuva o guarda-sol.

Quem tem orgulho, tem vaidade,
Quem faz vërsos é poeta;
Não é mentira a verdade,
Cura-se o mal com diëta.

É sombrëro qualquer chapéu,
É bom paio o salpicão;
Só há estrelhas no Céu,
Quando troveja há trovão.

Toda a rosa é uma flôr,
Qualquer d' el'as tem seu botão;
Com seu cheiro, com sua cõr,
Chama-se paé a quem dá pão.

Não há luar sem haver lua,
Nunca faltou a água no mar;
É ao arado ou à charrúa,
Que se prendem os bois pr'a lavrar.

Já não há pintos nem cruzados,
Valem 1.000 réis, um escudo;
E pr'a mal dos nossos pecados,
Vãe levar o diabo a isto tudo.

Ao cordeiro se chama borrëgo,
Ao chibo, cabrito se chama;
Vive em paz quem tem soçëgo,
Dorme à vontade quem ganhou fama.

O casamento é matrimônio,
A morte, descanso eterno;
A mulher, vivo demônio,
Pr'ó homem é sempre inferno.

Toda a bôla é redonda,
Só está vivo quem não morreu;
A vega do mar é uma onda,
Quem é sovina, nunca deu.

Chama-se à bolêta, bolôta,
A certa couve, repôlho;
Pescada pequena é marmota,
É qualquer fecho um ferrolho.

A fêmea do macho, é mula,
Do gallo é fêmea a galxinha;
Quem comê de mais tem gula,
Chama-s' ao muge, tainha.

Grande arca é um arcãz,
Bofetão é lamparina;
Ser fiel é ser capãz,
Moça nova é ser menina.

Anda sempre ao desafio,
A sorte com o azar;
A respeito de falar...nem pio,
Que pode ouviro...

Decifrem lá, agora, esta charada,
"Vem do mar-anda com sorte";
Vejam bem, não custa nada,
É solteiro-não tem consorte.

Chamam à água, às vezes, búa,
Às crianças desmamadas;
Por andarem sempre na rua,
São algumas, atropeladas.

A cópia se chama traslado,
Ao xarope- guloseima;
Burro inteiro não é capado,
Quem dá mel, dá manteiga.

Carne ruim é chanfana,
Tem 2 caras, certo feijão;
Ter vontade e ter gana,
Quem intruja é aldrabão.

Cesto grande é canastrão,
É o pequeno uma canastra;
Ser gatuno é ser ladrão,
Quem é mãe não é madrasta.

Mulher de todos é rameira,
Quando é rica, é barregã;
A verdade é: pepineira,
Jé de cortiça se faz lã.

Ao licenciado se chama doutor,
À ruim bêsta - pilêca;
Chama-s'ao tôle impostor,
E à jaquêta - jalêca.

Chama-se divã ao sofá, *canapé*
Também se lhe chama cama-pé;
Pai, em Francez é Papá,
E também em Portugal, pois não é?

O sonjo do dia é sêsta,
Comer à noite é cear;
Ir à romaria é ir à festa,
Correr mundo é viajar.

Quem reza, faz oração,
Seja devoto ou não seja;
Há pessoas que vão à igreja,
Fingindo ser o que não são.

A moça pobre é cachopa,
A rica se chama menina;
O balandreu é uma opa,
E a sotaina é batina.

Quem leito tem, tem cama,
É a comida iguaria;
Da reputação é feita a fama,
Quantas vezes, por ironia!!!

Mulher honrada é donzela,
Se anda a servir é criada;
A fêmea do cão é cadelã,
Quem é pobre não tem nada.

É o amor uma cobiça,
A bebedeira uma perua;
Tem o indolente preguiça,
Andar plácha (em Niza) é andar nua.

É macho da cabra, o bôde,
Do pardal é fêmea a pardoca;
Nem todo o buço é bigode
É abrigo dos barcos, a dôca.

Moça bonita é... bôa lasca,
É caixa de rufo, o tambor;
Só bebe na taberna ou na tasca,
Quem não tem raça de pudor.

Fazer brindes, é saudar,
Manjar se chama ao comer;
Ter filhos é procrêar,
Levar má vida, é sofrer.

Papel grosso é papelão,
Muda o boi, de nome, no talho;
Vem do lêste o vento suão, *2000*
Cura-se o reumatismo com alho.

A escrever espalharei por toda a parte,
As fracas saudades que levo do mundo;
Falte-me, porém, o engenho e arte,
Sinto-me quase um moribundo.

Falta-me a sublime inspiração,
Pr'a continuar a versejar;
Foi a minha maior ambição,
Está-se m'a licença a acabar.

Como disse, não levo saudades,
De tão triste e penoso viver;
Em se chegando a estas edades,
Só se pensa em morrer.

Quem não sabe, por certo, ignora,
O que diz a escriptura;
Pois fiquem lá sabendo agora,
Vaé acabar, pr'a alguns, a fartura.

O que não está cozido, está cru,
Se entrou o bispo, está esturrado;
Ha'quem trate seu paé por tu,
Chama-se a isto, ser bem creído.

Só se molha quem anda à chuva,
Com água fresca se mata a sede;
Faz-se o bom vinho, da boa uva,
Muito peixe s' apanha à rede.

Quantas vezes se diz que sim,
Quando se devia dizer que não;
Não vale a pena fazer chinfrim,
Embora se tenha razão.

A mulher velha se chama coiro,
A nova é bonita, um peixão;
Nem tudo o que luz é oiro,
Assim o diz um velho rifão.

A creáda em Coimbra é servente,
Em Lisboa, mulher a dias;
Tenho ouvido a muita gente,
As eirós chamar enguias.

O irmão de teu Paé é teu Tio,
O da tua mulher é teu cunhado;
Muita gente cheira a bafio,
E muita mais a abafado.

Dizem que a vida é um fio,
Que em se partindo, fica quebrado;
Não receio um desafio,
Em morrendo estou descansado.

Quem tem frio não tem calor,
Quem se molha fica molhado;
Quem se casa por amor,
Toda a vida anda enganado.

Rouxinol de noite canta,
Já eu cantei, também, de dia;
Quem canta seus males espanta,
Em caloteiros ninguém se fia.

Vêm-se estrelas ao meio-dia,
Quando a tal hora se tira um dente;
Só faz mal a água fria,
A quem não gosta d' aguardente.

Ouvi conter ao luar,
Em noite de lua cheia;
Que, quem se deita sem cear,
Toda a noite rabeia.

Metade da gente quer ter "Dom",
A outra metade - Senhora;
Anda de restos a Excelência,
Tudo isto é fantasia.

Coalça-se o leite com cardo,
Tambem se faz isso com fermento;
Pr' alguns a vida é pagode,
Pr'a outros, grande tormento.

Não se faz meia sem agulhas,
Nem com cêsto s' apanha água;
Há pr' aji tanto pulha !!!
Que nos causa nojo e mágoa.

De trapos se faz o papel,
De fios a cõrda é feita;
Mas só a abelha faz o mël,
E à sezão se chama maleita.

Ao tamanco se chama tairõca,
Ao grande sapato, falúa;
A pandega - rapiõca,
Aprende-se de tudo na rúa.

Ja lá vão 2 borrachas,
De tanto emendar o qu'escrevo;
Como tudo paguei e nada devo,
Entretenho-me com estas larãchas.

Houve em Portalegre Exposição,
De muita coisa bonita;
Só faltou o Canto-chão,
Esqueceram-se d'esta fita.

Muita lã, muita rendinha,
E ainda muitos e lindos bordados;
Foi, de Nida, a cantarinha,
E até foram os corcovados.

Bem haja quem tanto trabalha,
Pr'a mostrar a todos quanto valze;
Faz-se tudo e ninguém ralha,
N' este lindo Portugal.

Sempr' assim foi este Paí, /
Nunca se olha a misérias;
Bem o sabe quem o não diz,
Produzir e Poupar - são tudo lérias.

Quando há lua não faz sol,
 Julgo que não é novidade;
 Mas sim, mais uma verdade,
 Que vai já pr'a este ról.

Há milhãnos pl'as ribeiras,
 E passarinhos de varias cōres;
 Têm-se visto grandes asneiras,
 Por causa de certos amōres.

Não gosto de garfos de ferro,
 Nem de facas de cabo d' osso;
 E se m' apertarem o pescoço,
 Não poderei dar um berro.

Quem manda a um sapateiro,
 Tocar rabeção, sem ter ouvido?
 D' onde viria tanto dinheiro,
 Qu' está sendo distribuido?

Lá vaé a última, finalmente,
 E com el'a finda tudo;
 Guardem isto pr'ó Entrudo,
 E Deus dê sorte a tanta gente.

Uma verdade vos vou dizer,
 E com ela irei findar;
 Este é o conto da casa vermelha,
 Qu'em pequeno ouvi contar.

Ainda que vivesse eternamente,
 Muito ficaria por dizer;
 Pr'a não dar, pois, em demente,
 Estar calado, é meu dever.

Muita água tem o mar, /
 Muita areia, na terra ha;
 Quando alguém se quer chamar,
 É moda, agora, dizer: eh Pá !!!

Faltam-me não sei quantas, agora,
 Pr' outras quadras completar;
 Mas como chegou a minha hora,
 Não me posso demorar.

N.B.

Se mais trocadilhos alguém quiser,
 Pōde pedi-los em um postal;
 Porque, haja lá o que houver,
 E apesar de eu não ter defêsa,
 Eu não deixo Portugal,
 Nem a Republica Portugueza,
 E ainda que viesse a Monarquia,
 E houvesse pancadaria,
 Nunca, Portugal, eu deixaria.